

que estão debaixo dos carros. Não gosto deles. Nem tu deves gostar. Se eles te vissem com esse vestido branco, riscavam-no todo com lápis de cor e com as pétalas das sardinheiras vermelhas esmagadas.»

Maria pensou: «Ainda bem que tenho um quintal e não preciso de brincar na rua. É todo meu, e posso andar por estes caminhos, cheios de sombras, a fingir que vou a casa de uma amiga, à mercearia, ao cabeleireiro ou à praia...» O gato saltou de repente da japoneira e deu uma corrida até ao fundo do quintal. Maria correu atrás dele e tropeçou na cadeira de verga da boneca, que ficara esquecida no coradouro... caiu sobre a erva tenra e húmida, e ao levantar-se viu o vestido branco cheio de riscos verdes... os seus olhos encheram-se de lágrimas, pensando nas advertências da mãe, ainda há pouco.

O gato olhou Maria sem se comover e disse-lhe: «Se tivesses vestido o teu vestido verde, já não se notava nada. Por que não o vestiste? Um vestido branco é só para tirar uma fotografia, ou para o dia da comunhão, ou para estar sentada na sala a ouvir a mãe tocar piano!»

Nisto, a sineta do portão tocou. Era o pai que chegava do *atelier*. Entrou e pegou na filha ao colo, olhou para o vestido e disse-lhe: «Que bonita pintura tem o teu vestido! Parece um campo de neve com ervinhas a espreitar!» Maria sorriu e fez uma festa na barba do pai. E o gato miou e roçou-se dengoso na perna do pintor.

O outro lado do quadro

Cláudia Baldaque